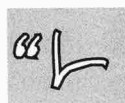


Prefácio



laboratórios na floresta. Os Baniwa, os peixes e a piscicultura no alto rio Negro”, de Milena Estorniolo, originalmente uma dissertação que superou todas as expectativas, agora tornada livro, é trabalho premiado em 2013 no concurso “Povos Indígenas na Amazônia Brasileira. Sistemas de Produção e de Mercados na Gestão da Biodiversidade Andreas Kowalski”, promovido pela Associação Brasileira de Antropologia e a Cooperação Alemã para o Desenvolvimento Sustentável (ABA/GIZ), que premia as melhores dissertações e teses de antropologia.

Milena Estorniolo partilhou sua formação em antropologia social entre duas vocações: os *sciences studies* e a etnologia indígena, conjugadas na construção de uma análise que requereu habilidades de ambos os campos. Com o primeiro teve contato ainda na graduação em ciências sociais quando interessada no tema do manejo dos animais na Amazônia, refletiu em sua monografia sobre os trabalhos de uma equipe de biólogos em expedições de campo voltadas para o estudo da reprodução de quelônios. Já a aproximação com a etnologia se deu no mestrado, ditada pela proposta de uma antropologia contemplada neste livro: a que reflete sobre as interfaces entre regimes diferenciados de produção e circulação dos conhecimentos, que se reportam a distintas premissas sobre modos de existência no mundo.

As iniciativas de desenvolvimento sustentável e segurança alimentar que se implantaram no noroeste da Amazônia, na Terra Indígena do Alto Rio Negro, como a piscicultura aqui focalizada – e tantos outros programas que visam à criação e manejo de animais dentro de políticas de segurança alimentar para os povos indígenas –, fornecem a circunstância para este e uma série de outros questionamentos sobre um tema

caro à antropologia – o das traduções que se entrecruzam no mundo contemporâneo.

Disposto a explicitar os pontos de vista dos atores tanto quanto os dados etnográficos e documentais permitiam, ocupar-se dos conceitos e remontar práticas dos índios e não índios, o trabalho situa-se na interface entre sociedades e regimes de conhecimento, lugar que é destacado para uma reflexão mais do que bem-vinda sobre as traduções, suas condições e impasses. De que floresta, de que ambiente, de que peixe afinal está-se falando?

No primeiro movimento, avança-se floresta adentro, seguindo as recomendações de Callon e Latour de uma etnografia dos laboratórios científicos, que requer retomar as etapas da montagem do laboratório. No caso focalizado, trata-se de uma experiência doméstica de criação de peixes em uma comunidade Tukano do alto rio Tiquié, nos moldes da ciência do concreto descritos por Lévi-Strauss, isto é, cujas práticas são movidas pela curiosidade intelectual, no caso, de jovens que conheceram a criação de peixes junto aos parentes da Colômbia e que se lançaram, já no Brasil, na árdua tarefa de represar igarapés e observar como se comportavam os peixes transferidos para esses ambientes construídos.

Do experimento resultará uma nova forma de acarás criados em represas, os peixes-só-cabeça, acontecimento que se mostrará de grande rendimento nas reflexões dos indígenas. O segundo movimento da análise é o de seguir os jovens Tukano e outros atores que, agora recrutados por uma ONG, participam da construção do laboratório de reprodução de peixes em cativeiro, iniciativa envolvendo técnicas e técnicos contratados, parceiros políticos e recursos – este um acontecimento cujo emblema é o próprio conceito de piscicultura.

Diante de ambos os acontecimentos – o dos peixes-só-cabeça que se criam nas barragens e lagos artificiais dos Tukano e o dos peixes do laboratório científico na floresta –, o que menos interessa à análise são os resultados dos projetos. Os leitores são estimulados, por meio de rica etnografia, a considerar em que termos se formulam os relacionamentos que se operam entre humanos e não humanos e a quais regimes de relação com os peixes tais relações aludem.

À abertura do laboratório na floresta, o leitor será apresentado ao tema das parcerias entre índios e brancos que, como se sabe, no rio Negro são bastante antigas, remontando aos primeiros anos da colonização da Amazônia, no século XVII. A opção da análise, também aqui acertada, é a de acompanhar a lógica Tukano e Baniwa e o modo de se entenderem com a história da patronagem e das parcerias com os diversos brancos por ocasião da implantação da indústria extrativista, das missões cristãs, dos postos de atendimento do Estado a partir do século XX e, mais recentemente, com as organizações não governamentais.

Nas aldeias da floresta, criados e mantidos também por técnicos indígenas e frequentados pelos moradores das comunidades indígenas, os laboratórios de piscicultura representam, entretanto, um desafio à parte aos *science studies*, e talvez seja esta uma das principais contribuições apresentadas. Aqui a análise deve sobrepor-se às controvérsias de que se ocupam as etnografias dos laboratórios científicos. Assim, os peixes-só-cabeça que emergem na análise já nos primeiros experimentos dos Tukano, colocam indagações sobre a técnica, a arte e a ética imbricadas no manejo da gente-peixe.

Ao dispor do acúmulo representado pelos estudos de etnologia alto rio-negrina, uma das regiões etnográficas mais bem estudadas da Amazônia, a orientar o trabalho de campo, a análise deslança pelos meandros das paisagens e lugares habitados pelos *Wai Masã*, a Gente-Peixe e as teorias Baniwa sobre os *Iipaná Yóopinai*, a Maloca dos Seres-Espíritos, e reflete sobre o alcance dos recursos xamânicos mobilizados nos rituais cotidianos de benzimentos que remetem aos tempos das origens da proto-humanidade.

Modos distintos de produção e transmissão de conhecimentos podem gerar equívocos tanto quanto redundar em acordos que resultam dos confrontos de saberes. Ao leitor fica a sugestão de acompanhar como o (nosso) conceito de ambiente é especialmente propício para o exame das traduções em confronto. Ambiente é termo chave nas justificativas dos projetos de desenvolvimento sustentável para a Amazônia e a ele também se remetem os técnicos da piscicultura nas escolas diferenciadas, em oficinas para a capacitação de técnicos indígenas em piscicultura.

Mas, como Milena nos mostra, de lugares e ambientes também nos falam os Tukano e Baniwa ao buscarem uma tradução acessível aos parceiros não índios para certas inscrições no espaço que aludem à comunicação – esta também eivada de perigos – dos entes do cosmos, da qual emergem as precárias estabilizações da humanidade.

Marta Rosa Amoroso

